

⁴
ELEGIA

NA SENTIDA, E MEMORAVEL MORTE
DO

SERENISSIMO , E AUGUSTO

PRINCIPE

DO BRAZIL.

FALECIDO

Em 11 de Setembro do anno de 1788.

DEDICADA

A' SAUDOSA PATRIA

POR

J. L. C. R.



LISBOA:

Na Offic. de JOZE' DE AQUINO BULHÕES

Anno de 1788.

*Com licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre
o Exame , e Censura dos Livros*

*Quod tibi contingerit, patienter ferre memento,
Nam certum fieri numine cuncta Dei.*

Owem.

*Miramur periisse homines, momenta fatiscunt,
Morsetiam saxi, hominibus que venit.*

Aufonio.

ELEGIA.

QU E pezada tristeza , que disgosto
Influem nestes ares , e na gente !
A alegria amortece , espira o gosto.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Parece que se turba de repente
O Ceo ! e as grossas nuvens trovejando
Lançaõ de escuro seio raio ardente.

O Sol brilhantes luzes occultando ,
E a parda noite as azas estendendo ,
Tudo densas trevas apalpando.

A prateada Lua escurecendo ,
E as lucidas Estrellas encobrando ,
Gira os montes , e vales fusto horrendo.

As magoas até onde hirão sobindo ?
Se as pacificas ondas empoladas
Sobre as azas dos ventos vão rugindo.

Pobres bateis , as naus em pavezadas
Humas já , outras quasi submergidas
Mostraõ de perto vistas desgraçadas.

A terra pelas bocas denegridas
Descobre a confuzaõ mas que discorro !
Ideias do pezar reproduzidas.

Subito ao campo das verdades corro ;
 E quanto mais por elle me dilato ,
 Tanto mais de afflicção gelado morro.

Infauſta ſcena , lugubre aparato
 Me anceia o coração , e quanto vejo
 He da morte triſtiſſimo retrato.

Com o frio temor em vão forcejo ;
 Pois geladas as veias pelo ſuſto ,
 Mal os tremulos paſſos hóra rejoy.

Ferino peito , coração robusto
 Onde haverá , que em lances pezarofos
 Não preſte ao ſentimento o lugar juſto.

São contra a natureza os deſpiedozos
 Mortais , e pelo Ceo aborrecidos ,
 Mais do que as feras monſtros pavorozos.

Mil cançados ſuſpiros , e ais perdidos ,
 Confuza queixa ſofocada em pranto
 Combatem a alma , ferem os ouvidos.

Ornatos qual da noite o feio manto ;
 As mortas luzes , fria ſepultura ,
 O luſtuoſo , e tremebundo canto ,

Fazem apparecer nova figura ;
 Trocando a varia , momentanea forte
 Em alongada , e firme deſventura.

Mas

Mas quem será , que em mãos da cruel morte
Foi indagar de perto o graõ segredo ,
Onde toda a sciencia perde o norte ?

Que estalando no concavo rochedo
O medonho trovão , de lêdo rosto
Nem ao menos a sombra ve ao medo ?

Que fobranceiro á terra em astros posto ,
Pizando as luzidissimas Estrelas
Zomba da magoa , zomba do disgosto ?

Que respirando paz , virtudes bellas
A' face das celestes Jerarchias
Canta os louvores , como cantão ellas ?

Que aos necios , e os de taãs Filosofias ,
Dourados Sceptros , pastoris cabanas ,
Naõ descobre huns aos outros primazias ?

Quem será o ditozo , que ás tiranas
Falsarias apparencias deste mundo
Fugio para as verdades soberanas ?

Eu abro a campa , e dezentranho o fundo
Para ver Mas que vejo ! o mudo aspecto
Do meu PRINCEPE , oh Ceos ! eu me confundo.

Estala o coração de dor , e affecto :
Ah ! talvez que me engane perturbado
Da extranha vista do medonho objecto.

O rosto macilento , e descarnado ,
Os olhos para o centro recolhidos ,
Languida a frente , os beijos em cadeado.

De novo emprégo atentos os sentidos :
Mas que posso indagar ? se a fria morte
Só me deixou lugar para os gemidos.

Desfigurado spectro desta sorte
Nem do que foi conserva similitude :
Mas he aquelle , o que sofreu o corte.

Se o Mausoleo pompozo , em que descança ;
Se o letreiro da eterna sepultura
Não bastão para firme segurança ,

Deixemos este sitio de amargura ;
E vamos pela funebre Ulisseia
O motivo escutar da desventura.

Bem semelhante ao fogo , que se ateia
De improvizo na mizera morada ,
Que a gente huma com outra mais se enleia.

Assim vive Ulisseia alvoroçada ,
Ofuscando a razão da lei antiga ,
Que do primeiro Pai foi trasladada.

Nos criminozos filhos se castiga
A falta do preceito inviolavel ;
E o pecar , e morrer fizeraõ liga.

Natu-

Natureza infeliz , he mais duravel
O rude tronco , a ferra pedregoza
Do que os homanos , obra inimitavel.

Morreu (mil vezes clama a voz choroza
Dos Cidadãos fieis , vassalos ternos
Alfando as mãos á Patria luminoza)

Morreu o suceffor aos dons maternos ;
Do AUGUSTO Pai aos nobres attributos ,
Que feraõ neste Povo sempre eternos.

Quem de Minerva apreciava os fructos ,
Acolhendo tambem ao Regio amparo
Co. que á mesma sciencia daõ tributos.

Quem amando da paz o nome claro
Aborrecia a sanguinoza guerra ,
Nutrindo , a ser percizo , esforço raro.

Quem desejava que no mar , e terra
Se criacem famosos Militares ,
Iguais ao que montou Alpina ferra.

Quem o eomercio de alongados mares
Com desvelado empenho protegia ;
Na forte alegre , e triste nos azares.

Quem as leis da justiça ver queria
Hombreiando os deveres da equidade ;
E igual castigo , e premio repartia.

Quem nos puros altares da verdade
Respeitozo entregava o pensamento
A's virtudes da fé , e caridade.

Sabia que este santo fundamento
Differença os mortais , e os eterniza
Quanto durar o claro firmamento.

Estas vozes em magoa tão perciza
Vaõ retumbar nos empinados montes ;
Magoa geral , que em tudo se diviza.

Pára oh Muza infeliz , mais nada contes ;
Deite o silencio a rede pavoroza ;
As Aves piem , murmurando as fontes :

Foge da Corte , embrenhate faucoza
Pelos ermos lugares mais agrestes
Destinados á gente disgoftoza.

De todo rasga do prazer as vestes ;
Arranca os louros , despedaça a lira ,
E orna a frente de funebres ciprestes.

Sem ouvir a quem chora , a quem suspira
Acuza a negra parca inexoravel ,
De que a doce esperança aos Luzos tira.

Que na florente idade apreciavel
Lhes rouba aquella vida , por quem deraõ
Podendo as suas , para ser duravel.

Quei-

§ Queixaste em vão (tres vezes me diceraõ)

§ Não se revoga a lei. Tantos gemidos

§ Tantas supplicas vâas debalde esperaõ.

Longo tempo ficaraõ esculpidos

Das agoureiras vozes os acentos

No fundo da minha alma , e nos ouvidos.

Quem as soltou , mais rapida que os ventos

Fugio de mim ; e quando me buscára

Não lhe pude sentir os passos lentos.

Suponho foi a morte sempre avara ,

Que ouvindo os meus queixumes excessivos ,

Como origem fatal os extranhara.

Onde enconuarce podem lenitivos

Aos duraveis , e barbaros efeitos ,

Se existe a cauza , duraõ os motivos ?

Porém que vejo ! em lagrimas desfeitos

Das Aldeas se auzentaõ os Pastores ,

Encurvados os olhos sobre os peitos.

No dezerto , que habito , moradores

Espalhaõ sem descanso noite , e dia

Eites amargozissimos clamores.

Levem famintos lobos terra cria ;

A' mingoa tenhaõ fim os nossos gados ,

Que outra perda ha maior , de mais valia.

Em-

Embora os temporais dezenfreados
As searas , e fructos nos estraguem ,
Deixando-nos á fome destinados.

As duplicadas cheias nos alaguem
Os campos , e as Cabanas : Muitoembora
Tambem a luz da vida nos apaguem.

Sequem-se os largos Rios sem demora ,
Eas abundantes fontes , lenitivos
Da voraz sede , e calma abrazadora.

Aquelle com transportes os mais vivos
Os cabelos arranca ; o gabaõ pobre
Daspedaça entre prantos excessivos.

Este de sufocado a pena encobre
Nutrindo na mudez , em que perziste ,
Para os grandes pèzares alma nobre.

Aqui do baile , e jogos se deziste ,
Ali do meigo cantico das fèstas ;
E de todos se forma hum quadro triste.

São dos retiros as delicias estas.
Foge Muza outra vez ; porém comtigo
Trazes dor empestada , com que infestas.

Dezengana-te em fim , não tens abrigo ;
Pois no centro de infaustos dissabores
Fluctuas sem achares porto amigo.

Se a esta parte inclinas os clamores ,
Ouves iguais , que augmentaõ os teus damnos ;
Se áquella , inda os desgostos são peiores.

Ah ! bons compatriotas Lusitanos
Se nos maltrataõ golpes taõ sensíveis ,
Fora melhor não vermos os humanos.

Ou no berço , ou na massa dos possiveis
Antes cubrir-me com o veo da terra ,
Do que estar a morrer vezes incríveis.

Nesta de confuzoens extranha guerra ,
Percizava prestar-se mutuamente
Grata consolação : Mas quem a encerra ?

Se a quereis encontrar oh Luza gente ;
Partí , partí a ver o Regio Infante ,
Tornando fausta a sorte descontente.

Daquelle , que chorais PRINCIPE amante ;
Vedes no caro Irmaõ quem felicita
De venturas a serie mais constante.

Veremos bafejar-nos aurea dita ;
E que hum JOZE' , affaz nunca chorado ,
Pelo Augusto JOAÕ nos resuscita.

De virtudes morais fiel traslado
Nos rezervou a Santa Providencia ,
Atenta sobre o bem do Luzo estado.

Baste

Baste já de suspiros ; que a prudencia
De nevados cabellos , gesto annozo
Nos tras resignação , e paciencia.

Naõ tem remedio o golpe rigoroso ;
E tanto padecer sem esperanza
He triste situação de hum furioso.

Próvida Medicina em vaõ se cança ;
Pois contra os exprientes exercicios
Pugna a tremenda lei da firme herança.

Continuos esmoléres beneficios ,
Devotas Oraçoens , exemplos puros ,
Dezapego total dos feios vícios ;

Naõ atalhão os passos mal seguros
Da tremula , e mirrada morte feia ,
Que os marmores desfaz , e os ferreos muros :

Mas só quebrando-se a vital cadeia ,
Fazem que nos Assentos estelantes
Se participe a gloria , que recreia.

Tudo se apreça aos eixos terminantes :
O dia logo he noite ; o frio inverno
Logo se muda em calmas devorantes.

Torna-se em agonia o prazer terno ;
A feliz sorte em hórrida desgraça ,
E a breve duração em somno eterno.

A' maneira da nuvem quando passa ;
Respiramos a vida tranzitoria ,
Que ao principio do fim nos ameaça.

Naõ mais faudoza , e lugubre memoria :
Deixa que sobre as penas denegridas
A fama leve escrita a dura historia.

A's Naçoens mais extranhas , e escondidas ,
Que de Affonço immortal os dons cantáraõ
Cheguem as Luzas magoas repetidas.

Se taõ altas virtudes respeitáraõ
As intractaveis gentes do Universo ;
E os cultos Povos tanto sublimáraõ ,

Hoje lastimem o destino adverso :
E rebente do Téjo o largo pranto
Onde o Sol tem sepulchro , a Aurora berço.

D'esse , que as Mavras Luas pizou tanto ,
Hum ramo se cortou inda florente ,
Para reverdecer no coro santo.

Scherana RAINHA , naõ consente
O teu alto poder , que a voz levante.
A consolar-te a dor n'alma existente.

PRINCEZA Augusta , fico vacilante
Em pensamento igual ; porque receio
Tua magoa fazer mais penetrante.

Sau:

(14)

Saudozo Portugal , em quanto leio
Em ti dura aflicção , nada me anima
Para te dar consolador recreio.

Tu mal soante , e perturbada rima
Oculta de huma vez a triste scena;
Porque taõ entranhada , e justa pena
Só a gasta do tempo a furda lima,

F I M.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

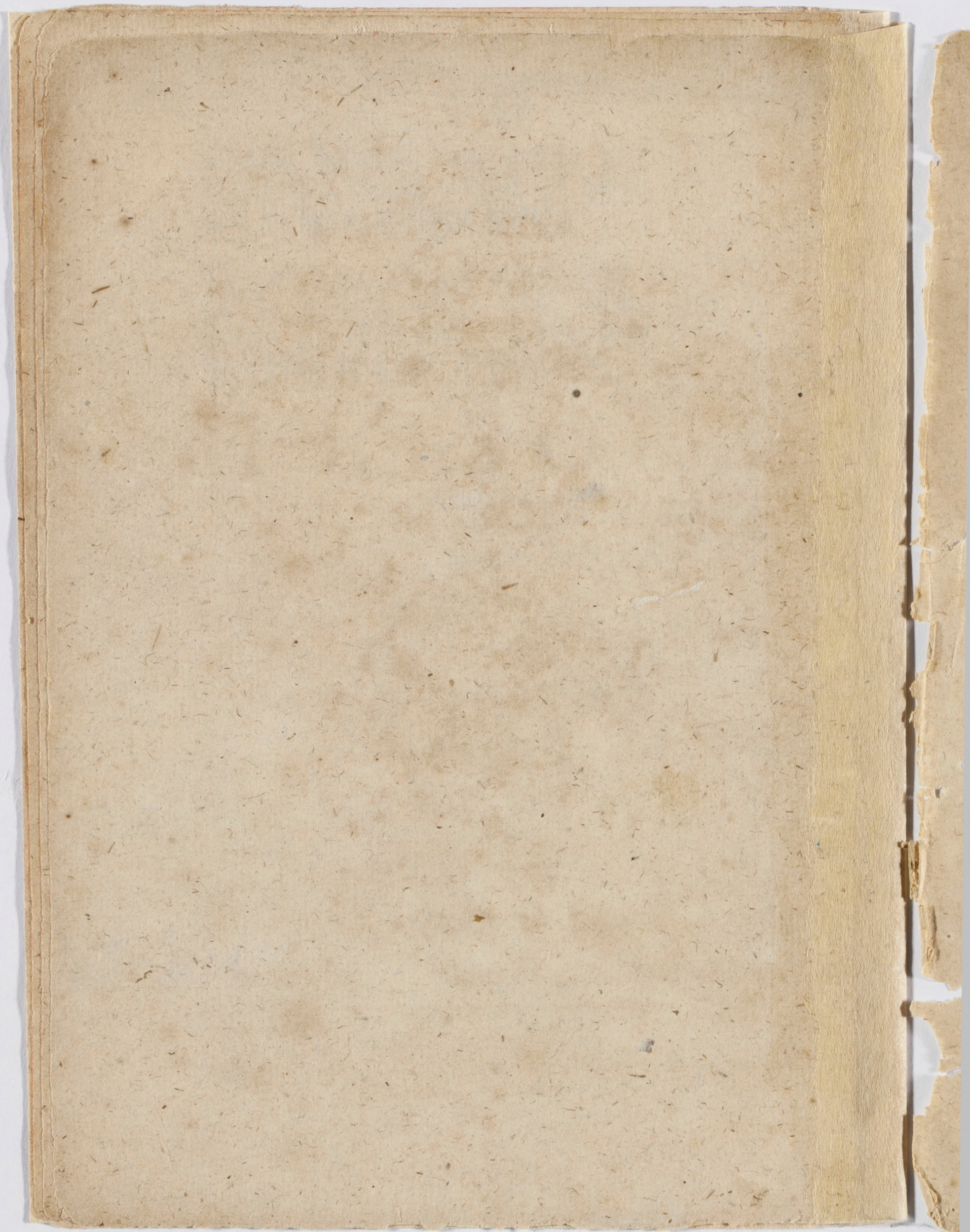


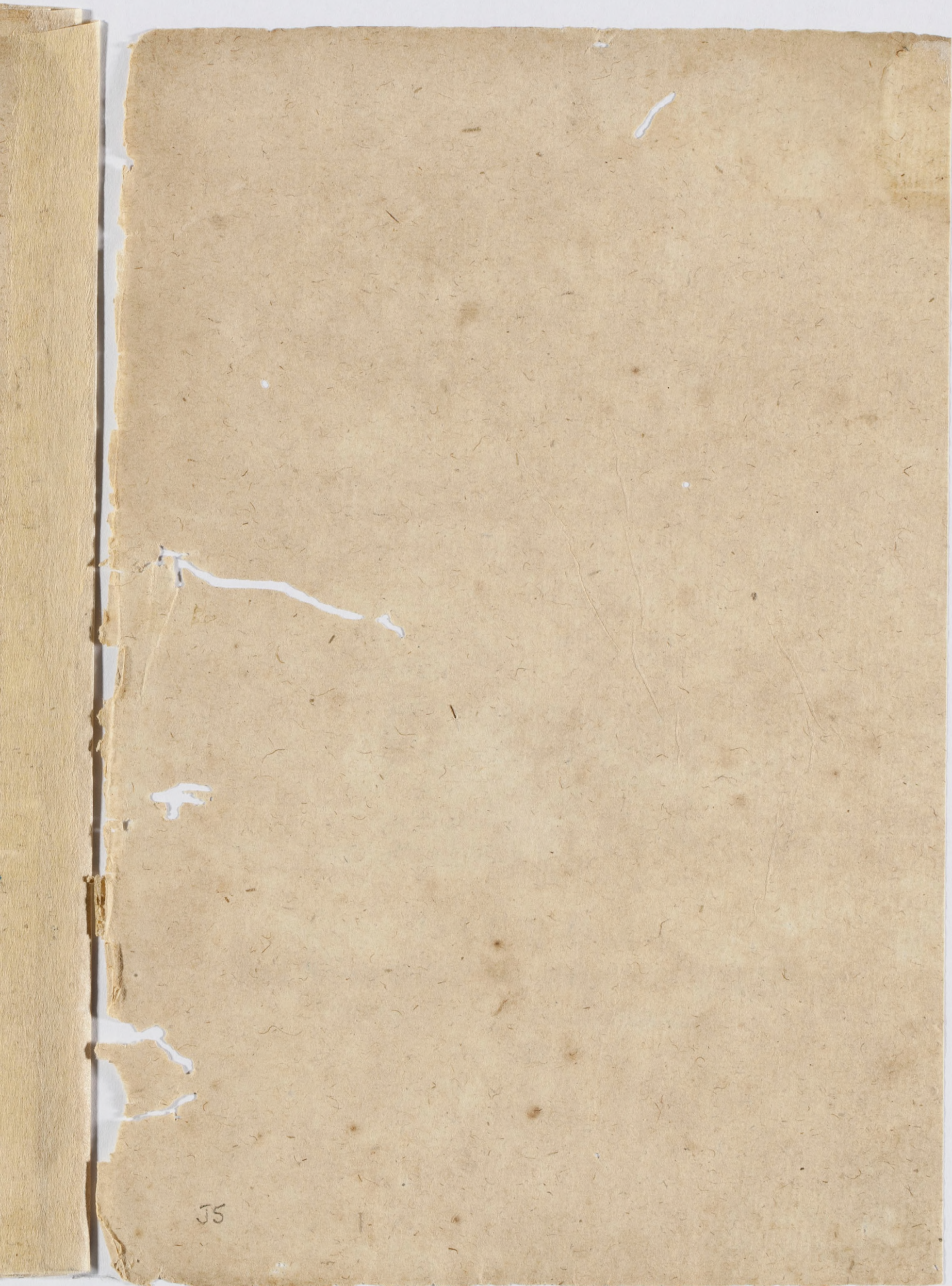
(14)

Saudoso Portugal, em quanto vejo
Em ti data a vida, e nada me anima
Para te dar conselhos receio.

Tu me fustiga, e perturbada ruína
Ocultas de humas vez a triste scena;
Porque não em sabida, e justa pena
Se a vida do tempo a vida anima.

F. I. M.





35

